

A construção da alternativa: contracultura, movimento alternativo e ecovilas

The making of the alternative: counterculture, alternative movement and ecovillages

*Beatriz Teixeira Weber**

*Giovan Sehn Ferraz***

Resumo

Neste artigo, procuramos trazer uma contribuição à compreensão das estratégias de um grupo em resposta à percepção de um mundo capitalista, urbanizado e industrializado, o qual teria provocado diversas mazelas – econômicas, sociais, ambientais e espirituais. Para isso, aproximamos nosso olhar sobre o fenômeno de construção das comunidades alternativas, em dois momentos distintos: entre as décadas de 1970 e 1980, sob forte influência da contracultura norte-americana; e da década de 1990 para os dias atuais, com as chamadas ecovilas. Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa maior, no qual trabalhamos com a História Oral de uma das experiências do atual movimento de ecovilas, o Instituto e Ecovila Arca Verde, a partir do ponto de vista de três de seus moradores. No presente trabalho, centramos nossa atenção nas concepções de espiritualidade e visões de mundo construídas pelos atores destes movimentos e nas suas propostas de alternativas ao mundo percebido pelos mesmos.

Palavras-chave: Contracultura. Movimento Alternativo. Ecovilas. Arca Verde. História Oral.

Abstract

In this Paper we seek to contribute to the comprehension of a group's strategies that respond to the perception of a capitalist, urbanized and industrialized world, which would have provoked several ills – economic, social, environmental and spiritual ones. For this, we have approached the phenomenon of the making of alternative communities, in two different moments: between the 70s and 80s, under strong influence of North-American counterculture; and from the 90s to nowadays, with the so-called ecovillages. This Paper is part of a larger research project, in which we have worked with Oral History of one of the experiences of the current movement of ecovillages, the Ecovila Arca Verde Institute, from the viewpoint of three of its residents. In the present work, we focus on the spirituality concepts and worldviews made by the actors of this movement and on their alternative proposals to the world conceived by themselves.

Keywords: Counterculture. Alternative Movement. Ecovillages. Arca Verde Institute. Oral History.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço: Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Av. Roraima, 1000 - Prédio 74A - Campus de Camobi. Cep: 97105-900 - Santa Maria – RS. Contato: beatriztweber@gmail.com.

** Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço: Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Av. Roraima, 1000 - Prédio 74A - Campus de Camobi. Cep: 97105-900 - Santa Maria – RS. Contato: giovansf@gmail.com.

Introdução

Este trabalho procura refletir sobre as estratégias de um grupo em resposta a sua percepção de um mundo capitalista, urbanizado e industrializado, o qual teria provocado diversas mazelas – econômicas, sociais, ambientais e espirituais. Para isso, aproximamos nosso olhar sobre o fenômeno de construção das comunidades alternativas, em dois momentos distintos: entre as décadas de 1970 e 1980, sob forte influência da contracultura norte-americana; e da década de 1990 para os dias atuais, com as chamadas *ecovilas*.

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado *Contracultura, comunidades e ecovilas: a Arca Verde na história do movimento alternativo no Brasil*, no qual trabalhamos com uma das experiências do atual movimento de ecovilas, o Instituto e Ecovila Arca Verde, situado no Rio Grande do Sul. Partimos, para esta pesquisa, da metodologia da História Oral, principalmente sob o marco teórico de Meihy e Holanda (2007). Além das entrevistas realizadas com três moradores da ecovila, foram utilizados também dados fornecidos pelo site da comunidade, dados contidos no Estatuto da Arca de 2012 e na apostila do curso *Caminhos para Vida Sustentável*, 12ª edição, ofertado pela ecovila. O cruzamento de fontes orais e escritas nos circunscreve no que Meihy e Holanda (2007) chamam de história oral híbrida, a qual tem objetivo diferente da história oral pura. A história oral pura, segundo os autores, serve mais a “narrações de histórias de vida”, visto que se deseja a revelação da “história toda, completa”. O foco é na “construção do percurso narrativo”. Já a história oral híbrida encaixa-se melhor nos objetivos da história oral temática, quando nosso foco se volta para o tema da pesquisa. Assim, “cabe o recorte sempre revelador das intenções de quem vai usar a entrevista para fins elucidativos de estudos que dispensem o enfoque subjetivo” (Meihy; Holanda, 2007, p. 129-130).

Nesta pesquisa tratou-se, portanto, de história oral temática, haja vista que, apesar de valorizarmos as experiências de vida dos entrevistados e suas subjetividades, estas não constituem o foco das entrevistas, e nos interessam apenas na medida em que se relacionam com a temática central. Compreendemos história oral, por fim, com Meihy e Holanda, como

um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da

condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy; Holanda, 2007, p. 15)

Assim, seguimos à risca a metodologia em História Oral proposta pelos autores. Após a confecção do projeto de pesquisa em história oral, realizamos as entrevistas com questões abertas junto a três moradores da Arca Verde, no dia 1º de agosto de 2015, focando a história da comunidade, as trajetórias e impressões pessoais dos entrevistados em relação à Arca, as relações da Arca Verde com outras ecovilas e a sociedade, e a forma como a ecovila se compreende e se posiciona enquanto alternativa à sociedade. Com as entrevistas em mãos, foi realizada a transcrição literal das entrevistas e, posteriormente, a textualização das mesmas. O produto final das textualizações foi enviado de volta para os entrevistados para conferência e aprovação dos mesmos. Por fim, a publicação parcial dos resultados desta pesquisa é intentada através do presente artigo.¹

Neste artigo, portanto, traçaremos um breve panorama contextual e conceitual acerca da contracultura norte-americana na década de 1960 e o movimento alternativo no Brasil de 1970 e 1980, pautando algumas rápidas discussões centrais. Após, relacionaremos com a experiência posterior da Ecovila Arca Verde, pontuando suas similitudes e diferenças. Por último, centraremos nossa atenção à fala dos moradores da comunidade, focando em suas trajetórias, concepções de espiritualidade, visões de mundo e representações da sociedade circundante em que se inserem.

1. Contracultura: história e conceito

Contracultura foi o nome encontrado pela imprensa norte-americana, nos anos 1960, para designar um conjunto de manifestações culturais que irromperam em diversas partes do mundo nessa década, principalmente nos Estados Unidos e Europa, mas também América Latina, embora mais timidamente (Pereira, 1986, p. 13). Os atores destas manifestações eram jovens que, sentindo o vazio da existência no pós-guerra, colocavam-se contra tudo e contra todos (Carvalho, 2008, p. 13). Na bibliografia consultada para esta

pesquisa, as condições gerais que propiciaram o surgimento dessas manifestações são consensuais, como resume Marcos Alexandre Capellari (2007):

- 1) O intenso desenvolvimento das especializações científicas e tecnológicas aplicadas à lógica capitalista, bem como a organização do Estado sob tais moldes, configurando o que foi denominado “tecnocracia”;
- 2) A consolidação de uma classe média urbana educada sob os princípios do individualismo narcisista;
- 3) O terror inspirado, no pós-guerra, por um possível confronto entre os poderios bélicos termo-nucleares de EUA e URSS; e
- 4) A difusão de doutrinas filosóficas, sociais, psicológicas e religiosas, do Ocidente e do Oriente, que propugnavam, explícita ou implicitamente, por uma alternativa em relação ao que se convencionou denominar establishment. (Capellari, 2007, p. 14)

Compreende-se que, após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos viviam um período que Hobsbawm chamou de *Era de Ouro*. O boom econômico e industrial que geraria um ideal de vida para a classe média pautado no consumismo – o *American Way of Life* – era acompanhado pelo *baby boom*, um aumento considerável da população, principalmente urbana, e, conseqüentemente nos anos seguintes, da população jovem. O crescimento econômico exigia um nível mais elevado de empregados, o que fez com que se aumentasse consideravelmente o número de universidades e, conseqüentemente, o número de universitários. Enquanto isso, aumentava-se o número de famílias que não seguiam o modelo ideal: divórcios, famílias com um só dos pais, nascimentos ilegítimos. Tudo isso dentro de um contexto de Guerra Fria, onde a corrida espacial providenciou os satélites artificiais que dentro de pouco tempo estariam propagandeando o modo de vida americano para todo o mundo através da televisão e do rádio (Capellari, 2007; Carvalho, 2008; Hobsbawm, 1995; Pereira, 1986).

Assim, a despeito de todo o progresso científico e econômico, uma parcela da juventude se rebelava. Construir uma carreira e constituir família, seguindo os moldes do *american dream*, tanto não lhes agradava por não responder a seus anseios existenciais, quanto não fazia sentido frente à iminente possibilidade da hecatombe nuclear. Porém, os movimentos contestatórios tradicionais de esquerda também não lhes serviam. Para essa juventude, o *socialismo real* vivido pela União Soviética caía nos mesmos erros: a tecnocracia, o autoritarismo, o desenvolvimento econômico e tecnológico acima de valores humanos. Além disso,

o potencial revolucionário da classe trabalhadora, como queria o marxismo, se mostrava esgotado frente à incorporação dos trabalhadores ao sistema capitalista. Entre caminhos da direita e da esquerda, o caminho escolhido por muitos jovens foi outro, o da *recusa*. Incentivados pelos estudos da psicanálise, esses jovens passavam a compreender a própria família patriarcal como célula *mater* do Estado. O poder passava a ser compreendido não mais apenas a nível de governo, mas na escola, na família, no casamento. “Não fazia mais sentido falar em luta de classes” (Oliveira, 2007, p. 3). Por isso, a *Grande Recusa* de Marcuse: recusa ao modo de vida ocidental, à forma de pensamento, à forma mesma de contestação, aos partidos políticos, aos valores ocidentais (Carvalho, 2008, p. 26). Em suma, à cultura, visto que foi essa cultura que possibilitou, entre outras coisas, a possibilidade da hecatombe nuclear. Criticava-se também a separação ontológica entre mente e corpo, tida como mecanicista, e a consequente superioridade da razão sobre o corpo; e a ideia de progresso, tanto capitalista quanto socialista, que era vista como o adiamento *ad infinitum* da realização, que para a contracultura deveria ser buscada no aqui e no agora.

Percebemos, nestes pontos, uma possível confluência com a tese de Colin Campbell (1997) acerca da orientalização do Ocidente, a qual centra-se no deslocamento da concepção transcendente de Deus para uma concepção imanente, onde o sagrado passa a manifestar-se nos corpos e no cotidiano, não mais em alhures, distante. Se a tese de Campbell pode ser questionada a nível de civilização e cultura ocidental, percebemos que entre os adeptos da contracultura (e do movimento alternativo, como veremos adiante neste trabalho) tal orientalização não é apenas atestada como bem vista.

A busca da realização no presente expressava-se na *Revolução Interna*. A contracultura compreendia a sociedade como uma “teia cultural” que era conservada e reproduzida por cada nó, cada indivíduo (Capellari, 2007, p. 104). Ao romper o nó através da revolução interna, a teia cultural naturalmente se desmantelaria. É através dessa revolução interior que a contracultura parte para novas formas de luta política: as manifestações pacíficas e em clima de festa; a revolução do comportamento, das vestimentas, do estilo de vida; a revolução sexual; a busca de estados alterados de consciência através de substâncias psicoativas; o misticismo e novas formas de desenvolvimento espiritual, apartado das instituições tradicionais. Assim como as condições gerais que propiciaram o desenvolvimento da contracultura, as características acima apontadas também

são consensuais, aparecendo umas mais e outras menos nas diferentes obras consultadas nesta pesquisa. Capellari sintetiza essas características em quatro pontos principais:

- 1) A desvalorização do racionalismo, e em seus desdobramentos temos as rebeliões, nas universidades, contra o sistema de ensino, e a construção de novos paradigmas, ou visões de mundo, baseadas em correntes culturais subterrâneas do Ocidente, em filosofias e religiões orientais e em certas vertentes da psicanálise e do marxismo;
- 2) A recusa ao *american way of life*, expressa em um estilo de vida descompromissado e errante, sendo característico o dos *hippies*²;
- 3) O pacifismo (ainda que houvesse, em algumas de suas vertentes, a dos Black Panthers, por exemplo, a opção pela luta armada), dirigido principalmente contra ações imperialistas das grandes potências; e
- 4) O hedonismo, caracterizado pela valorização do corpo e das emoções, sendo as suas principais manifestações a “revolução sexual” e o culto às drogas psicotrópicas, normalmente relacionadas a um de seus principais veículos de disseminação, a música rock. (Capellari, 2007, p. 15)

Por outro lado, quando se trata de delimitar o conceito da contracultura, encontramos dissenso significativo. Marcos Alberto M. Pereira (1986), em uma das primeiras obras publicadas no Brasil especificamente sobre contracultura, junto com Luiz Carlos Maciel³, diz que há duas formas de entender a contracultura: 1) como um fenômeno datado e historicamente situado, isto é, referindo-se ao conjunto de movimentos contestatórios da juventude que marcou os anos 1960: “o movimento *hippie*, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante”, tendo todos em comum o espírito de contestação, de insatisfação, de busca por um outro modo de vida (Pereira, 1986, p. 21); 2) de uma forma que nós historiadores poderíamos facilmente chamar de “a-histórica”. Contracultura, neste sentido, referir-se-ia a algo mais abstrato, “um certo espírito”, uma forma de enfrentar o que se compreende por ordem vigente, “de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante”. Este “certo espírito”, segundo esta perspectiva, reapareceria de tempos em tempos, tendo “um papel fortemente revigorador da crítica social” (Pereira, 1986, p. 21).

A impressão que se tem é de que Pereira inaugurou um divisor de águas pelo qual os autores subsequentes que escreveram sobre contracultura

enveredaram. Podemos distinguir com facilidade, entre os autores consultados, aqueles que utilizam o conceito da primeira ou da segunda forma. O exemplo mais marcante que possuímos da segunda corrente (a contracultura como um “certo espírito”), é nos autores Ken Goffman e Dan Joy, em uma obra a que infelizmente não tivemos acesso se não por intermédio da tese de Capellari (2007), intitulada *Contracultura através dos tempos*. Nesta obra, segundo Capellari, os autores aplicam o conceito “ao drama de Abraão, ao mito de Prometeu, ao pensamento e à vida de Sócrates”, dentre outras manifestações ao longo da história. Capellari defende, apoiando-se nestes autores, a existência de um *espírito contracultural* (Capellari, 2007, p. 212).

Segundo essa linha de pensamento, toda forma de cultura teria sua contraposição neste espírito contracultural, que eventualmente “vence” a cultura dominante e destitui assim seus valores e visão de mundo. O que antes era contracultura se transformaria então em cultura e dela passariam “a derivar mecanismos opressivos análogos aos da cultura derrotada”. O novo transmutar-se-ia em velho, a espontaneidade viraria hábito e os comportamentos seriam padronizados e uniformizados. Dessa forma, a antiga contracultura, transformada em cultura dominante, passaria “a inspirar novas formas de rebeldia”, propiciando destarte o surgimento de uma nova contracultura (Capellari, 2007, p. 22). Para o autor, esse não seria o caso, porém, da contracultura dos anos 1960. Sendo concebida primordialmente como negação da cultura, ela perderia seu espírito caso tomasse efetivamente o lugar da cultura dominante. Assim, mesmo que aparentemente tenha “fracassado”, sendo “incorporada pela indústria cultural às prateleiras do consumo”, o espírito da contracultura “permanece nos subterrâneos, alimentado pela insatisfação, pelo mal estar descrito por Freud, em suma, pelo seu antagonista, a cultura, no caso, capitalista.” (Capellari, 2007, p. 214, 225, 228). É ao se referir a esse espírito da contracultura que Capellari defende a ideia de que existe um *subterrâneo*⁴, um movimento de ideias e ideais que é concebido como de longa duração (Capellari, 2007, p. 227). Este subterrâneo seria o lugar para onde o ocultismo e as correntes esotéricas se refugiaram ao surgir das Luzes da Revolução Científica e do Iluminismo, e dele sairia, de tempos em tempos, manifestações do *espírito contracultural*^{5,6}.

Já na outra corrente conceitual de Pereira (1986), da qual falamos algumas páginas atrás, que aborda o conceito de contracultura enquanto um

fenômeno historicamente datado e situado, temos a expressão de autores como Carvalho (2007), Boscato (2006) e Oliveira (2007). Para Carvalho, a contracultura poderia ser dividida em três grandes fases. A primeira sendo marcada pela geração literária *beatnik*⁷, entre o final da década de 1940 e 1950, a qual limitou-se quase que exclusivamente aos Estados Unidos e a aspectos literários e artísticos. O movimento *hippie* nos anos 1960 caracterizaria a segunda fase, com a radicalidade comportamental e a contestação política. No Brasil, esta fase ganharia expressão máxima apenas na década seguinte, sendo chamada pejorativamente de *desbunde*⁸ ou *geração perdida*. Por fim, nos anos 1980, a terceira fase seria marcada pela “bandeira da defesa ecológica” no Brasil⁹ (Carvalho, 2007, p. 56).

Neste trabalho, compreendemos o conceito de contracultura como concernente àquelas movimentações humanas de caráter contestatório que tiveram seu auge nas expressões da década de 1960 nos EUA, sendo marcada principalmente pelo movimento *hippie*. Compreendemos suas raízes principalmente na literatura *beatnik*, porém não pensamos que tal movimento se enquadre no que chamamos de contracultura, devido às suas peculiaridades e diferenças. Compreendemos também que a contracultura “acabou” por volta de 1970, como será melhor explicitado na sequência, dando lugar a um novo movimento que aqui chamamos de movimento alternativo, com suas particularidades e divergências em relação à contracultura, justificando assim a separação dos movimentos em categorias conceituais diversas. Tal compreensão do conceito contracultura não exclui que as raízes do movimento possam ser anteriores, visto que as fontes em que bebe a contracultura são as mais diversas, geográfica e historicamente, e que as ondas provocadas pelo movimento que “terminou” na década de 1970 ainda podem influenciar práticas e comportamentos atuais.

Tem-se que o momento simbólico do auge do movimento *hippie* foi o Festival de Woodstock, em 1969, em que os ideais de paz e amor teriam sido vividos e celebrados. Porém, alguns meses depois, o festival de Altamont já manifestaria o seu declínio, tendo sido marcado por um clima de violência que resultou no assassinato de um espectador negro por um integrante do *Hell's Angels*, grupo fascista que fazia a segurança do evento por sugestão da banda *Rolling Stones*. Para Boscato, no entanto, os próprios *hippies* já haviam decidido terminar com o movimento anos antes, em 1967, quando organizaram uma

passateira que ficou conhecida como “a morte do *hippie*” (Boscato, 2006, p. 119). Em fins da década de 1960, os elementos da contracultura já vinham se diluindo na indústria cultural, “perdendo aos poucos seu caráter contestatário e se transformando em mais uma mercadoria oferecida nas prateleiras do consumo de bens simbólicos” (Capellari, 2007, p. 41). Enquanto que a própria Revolução Sexual seria apropriada pela indústria do entretenimento e difundida na cultura “vigente”, diversas práticas alternativas se convertem em um setor alternativo da economia, em restaurantes vegetarianos, entrepostos, venda de produtos orgânicos, e terapias alternativas (yoga, massagens orientais, *do-in*, homeopatia, etc.), o que caracterizaria a Nova Era, em que muitas práticas acabam perdendo seu teor alternativo por passar a fazer parte do sistema que anteriormente era o alvo das críticas (Tavares; Duarte; Cognalato, 2010). As “drogas” seriam outro dos fatores de mudança, de seu uso espiritual para abrir “as portas da percepção”, como defendia Aldous Huxley, as drogas passariam cada vez mais a ser utilizadas de forma constritora da consciência, sendo apropriadas por uma indústria global de narcotráfico, e não para expandir a consciência, como o próprio Huxley havia alertado em *Admirável Mundo Novo*.

A contracultura chegava ao fim, porém, não chegava ao fim *simplesmente*. Quando John Lennon, em 1970, afirma que “o sonho acabou”, tem-se que este é na verdade um momento que marca uma forte transição. Não apenas de morte do movimento *hippie*, mas de transformação do sonho *hippie* em luta. Um congresso realizado em 1971 atestaria a transição. Dele participaram diversos sociólogos, cientistas, líderes de comunidades *hippies*, organizações estudantis e representantes de organizações que lutavam pelos direitos das minorias. O objetivo era fazer uma espécie de balanço da década anterior e avaliar os rumos a serem tomados. No final, foi feita uma “declaração de princípios”, na qual se verifica a mudança de posicionamento.

A nova sociedade, a Sociedade Alternativa, deve emergir do velho Sistema, como um cogumelo novo brota de um tronco apodrecido. Acabou-se a era do protesto subterrâneo e das demonstrações existenciais. [...] Devemos de agora em diante investir toda a nossa energia na construção de novas condições. O que for possível utilizar da velha sociedade, nós utilizaremos sem escrúpulos: meios de comunicação, dinheiro, estratégia, know-how e as poucas e boas ideias liberais. (Pereira, 1986, p. 92)¹⁰

É dessa transformação que compreendemos o surgimento do movimento alternativo no Brasil, como veremos a seguir.

2. O movimento alternativo e as comunidades alternativas

No Brasil, o fenômeno que também ficou conhecido como *desbunde* já não tratava mais da *Grande Recusa*, da negação e do *drop out* (cair fora da sociedade e viver à margem), mas de *negociar alternativas* – daí a diferença crucial entre a contracultura e o movimento alternativo. O objetivo deste era oferecer uma alternativa à sociedade e, portanto, fazer essa alternativa funcionar era imprescindível. Assim, a ecologia e as preocupações ambientais passam a desempenhar papel mais central e o pragmatismo e a organização sobrepõem-se à espontaneidade e ao hedonismo que marcaram o movimento *hippie*. Exemplo desse pragmatismo é a organização do ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas), que ocorre anualmente, de 1978 até hoje¹¹, e a criação, em 1983, de uma organização nacional, a ABRASCA (Associação Brasileira de Comunidades Alternativas).

Haja vista a intenção de demonstrar alternativas concretas, é nas chamadas comunidades alternativas que encontramos, portanto, o foco dos esforços e a expressão máxima do movimento. Em 1985, Carlos A. P. Tavares publica o livro *O que são comunidades alternativas*, uma das obras pioneiras sobre o assunto, e afirma a existência de centenas de comunidades no Brasil (Tavares, 1985, p. 63). No mesmo ano, César Augusto de Carvalho tem acesso ao *Guia do Peregrino*, no qual encontra os endereços de várias comunidades alternativas espalhadas pelo país. Porém, ao enviar diversas correspondências a estes endereços, não recebe nenhuma resposta. No ano seguinte, então, ele parte para uma viagem sobre a qual escreveria posteriormente em seu livro *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80* (Carvalho, 2008).

Chegando à Chapada dos Guimarães – MT, Carvalho ouve então estarrecido a seguinte sentença, vinda de Heitor, dono de uma padaria conhecida como ponto de concentração dos alternativos: “Moço, você caiu num engodo. Aldeia Velha nunca foi uma comunidade, pelo menos alternativa. [...] O movimento alternativo não existe [...], o movimento alternativo é um fenômeno da mídia que não tem nada a ver com nossa realidade na Chapada” (Carvalho, 2008, p. 63, grifo nosso). Como isso era possível? Desde 1978, uma vez por ano

era organizado o ENCA, reunindo centenas de pessoas, desde 1983 existia até mesmo uma associação brasileira de comunidades alternativas (ABRASCA). O próprio Heitor esclareceria sua afirmação polêmica mais tarde:

Quando eu disse que o movimento alternativo não existia, estava me referindo à imagem que você tem, formada em sua mente, resultado de um monte de informações divulgadas pelos jornalistas que só querem vender sua matéria, seu jornal, sua revista. E é essa imagem que não existe. O movimento alternativo não é um programa político ou ideológico, é mais uma tomada de consciência individual, de busca do verdadeiro conhecimento, o autoconhecimento (Carvalho, 2008, p. 67).

Ironicamente, Carlos A. P. Tavares, jornalista de formação, poderia entrar nessa crítica de Heitor. Em sua obra, talvez justamente pelo fato de o autor ser oriundo de dentro do movimento ou por não ter um conhecimento tão próximo das comunidades, ele realmente pinta um quadro em que existem “centenas de comunidades alternativas no Brasil” (Tavares, 1985, p. 63), e que elas estão indo muito bem. Tal afirmação é contradita principalmente pelas obras de Carvalho (2008) e Nogueira (2001, p. 3). Nogueira afirma que a grande maioria das comunidades sobrevivem por no máximo um ou dois anos, diferentemente da Comunidade FraterUnidade, seu objeto de pesquisa, que, à época da pesquisa, já completava 15 anos (2001, p. 3)¹². Porém, mesmo sendo uma experiência mais duradoura, o autor chama atenção para a grande rotatividade de membros dentro da comunidade, poucos permaneciam na comunidade por mais que alguns anos.

Ao continuar sua viagem, Carvalho transita por diversos lugares que supostamente abrigariam comunidades alternativas, entrevistando os alternativos que encontra no caminho. O autor descobre, assim, que houve, de fato, muitas “tentativas” de fazer comunidades. Algumas comunidades até existiram, mas duraram pouco. Na maioria dos casos, “as comunidades se foram, mas os alternativos ficaram” (Carvalho, 2008, p. 64). As razões para o fim das comunidades são muitas. O fator que parece mais importante é a falta de experiência na agricultura, visto que a imensa maioria dos jovens que compunham o movimento era oriunda da classe média urbana. Outras comunidades que duraram um pouco mais que a média (mais de um ano) caíram em um extremismo de organização, em que se tinha hora para tudo, não se podia beber ou fumar, e o proprietário da terra acabava centralizando as tomadas de

decisão – algo incompatível com o ideal da maior parte dos jovens alternativos (Carvalho, 2008, p. 120, p. 113). O autor também fala sobre a radicalidade do amor livre, pois algumas comunidades acabavam por impor tal ideal aos seus integrantes, que muitas vezes não conseguiam superar suas limitações (segundo a ótica do amor livre) tão rapidamente. Tal foi o caso de uma comunidade chamada Shambala, sobre a qual sempre que ele questionava os antigos integrantes, percebia se tratar de uma questão bem delicada. O autor conclui que “a radicalidade da experiência desestruturou psiquicamente muitos de seus participantes, e alguns, por temerem tais consequências, recusaram-se a participar, ou desistiram logo nos primeiros dias” (Carvalho, 2008, p. 121).

Para o autor, os demais conflitos sociais teriam se acentuado ao se estenderem às questões ligadas à sexualidade, porém, permitindo-se a especulação, o autor acredita que tais conflitos poderiam ter sido resolvidos “ao longo do tempo com o amadurecimento psicológico de seus participantes”, o que não foi possível devido às frágeis condições materiais (Carvalho, 2008, p. 121). Apesar do fim precoce da maior parte das comunidades (muitas nem chegaram a se formar), Carvalho defende que, mais importante que as experiências comunitárias tais quais idealizadas pela mídia, eram as relações de apoio mútuo e interdependência entre esses alternativos. Através de práticas de solidariedade e apoio mútuo, como os mutirões, por exemplo, os alternativos teciam uma rede alternativa (Carvalho, 2008, p. 64, p. 105).

As ideias utópicas de uma comunidade estavam sendo substituídas pela interdependência entre seus membros, uma interdependência que respeitava o estilo de vida individual, mas, ao mesmo tempo, inseria-se no universo de valores alternativos. (Carvalho, 2008, p. 105)

Nívea, uma das alternativas entrevistadas por Carvalho, é enfática nessa questão, ao afirmar que “as pessoas estavam cansadas de comunidade”, que “estavam a fim de ficar mais quietas, vivendo comunitariamente, porém cada um em sua casa, sem misturar” (Carvalho, 2008, p. 137). Assim, Carvalho conclui que o movimento alternativo não se tratava então de um movimento de comunidades, “mas de pessoas ligadas a um universo simbólico fundamentado na restauração e preservação do homem e da natureza”. Daí o caráter mítico do movimento: “a resignificação da vida humana passando pelo reencontro do espírito, pela religião cósmica, pela religião” (Carvalho, 2008, p. 127).

De 1990 para cá, presenciamos um novo fenômeno, o movimento de ecovilas, que inclui muitas antigas comunidades alternativas remanescentes¹³. Ao entrevistar moradores de uma das experiências deste movimento, a Ecovila Arca Verde, percebemos que, para eles, a vivência em comunidade é um dos principais motivos que os levaram a viver e continuar vivendo na ecovila, o que diferencia a Arca Verde das comunidades alternativas tais quais interpretadas por Carvalho acima. Por outro lado, o ENCA continua acontecendo a cada ano e a própria Arca Verde se coloca como membro da ABRASCA¹⁴. A pergunta que fica é: como as ecovilas se relacionam com o movimento alternativo?

3. A Arca Verde e as ecovilas na construção de uma alternativa à sociedade

Escolhemos a Ecovila Arca Verde como objeto central de nossa pesquisa por diversos fatores. Como vimos anteriormente, tem-se que a grande maioria das comunidades alternativas durou pouquíssimo tempo ou sequer existiu. A Arca Verde, entretanto, existe desde 2005 e conta atualmente com cerca de 13 moradores, segundo o site da comunidade. Além disso, a Arca é marcadamente reconhecida dentro do movimento de ecovilas no Rio Grande do Sul, atuando como centro de referência acerca de diversas áreas que envolvem as ecovilas, como Permacultura, Bioconstrução, Agrofloresta, Comunicação Não-Violenta, Consumo Consciente etc. Sabe-se também que pelo menos duas outras comunidades tiveram entre seus fundadores antigos voluntários da Arca Verde.

Situada em uma propriedade de 25 hectares, no interior do município de São Francisco de Paula – RS, “na biorregião alta e fria dos Campos de Cima da Serra”, a Arca Verde – Instituto e Ecovila foi criada, segundo o site da comunidade, “com o objetivo de ser um ponto de aglutinação de talentos, conhecimentos e vibrações positivas na construção e promoção da vida sustentável”. A missão da comunidade, segundo o seu site:

Criar um terreno fértil para que a Natureza seja plena em sua abundância e as pessoas empoderadas em seus dons e sua espiritualidade pessoal, realizando novas ideias e tecnologias ecológicas, econômicas e sociais. Aprender uns com os outros e com os sistemas naturais, trabalhar com arte, amar com liberdade, dedicar nossas vidas à divulgação da permacultura e dos valores da ecologia profunda são as bandeiras da nossa Arca. Agindo localmente, temos como objetivo o cuidado com a terra bem como trabalhar pela sensibilização ambiental e oferecer alternativas para sustentabilidade de toda região.

A ideia da comunidade surgiu em um encontro, o *Chamado do Beija-Flor*, que ocorreu em Alto Paraíso – GO, em 2005. Através de outro evento, o *Chamado da Galinha Azul*, organizado pelos idealizadores da Arca, foi organizado um mutirão para construção da primeira casa da comunidade em uma propriedade privada de um dos fundadores, em São José dos Ausentes – RS. Porém, em 2009, a comunidade migrou para uma nova sede, onde reside atualmente, em São Francisco de Paula – RS. A mudança se deu devido a diversos fatores apontados pelos entrevistados: o caráter privado da primeira propriedade (a nova já seria coletiva); a localização de difícil acesso em São José dos Ausentes (a nova sede situa-se mais próxima ao centro da cidade – 10 km, para 30 km antes); e o clima que tornava a agricultura mais desafiante e menos diversificada.

Dos moradores atuais da Arca, apenas um dos fundadores permanece desde o início da comunidade. Como ele estava indisponível quando fomos fazer as entrevistas, perguntamos sobre os moradores mais antigos. Depois dele, o morador mais antigo era Marcos, que residia na comunidade há 6 anos. Angélica residia na comunidade há 4 anos e Aldo há 2 anos. Esses foram os três entrevistados para esta pesquisa. Além deles, apenas mais um morador, que também se encontrava ausente, residia na comunidade há 4 anos. Os outros moradores, ao que parece, não eram tão antigos. Isso aproxima a Arca Verde da realidade das comunidades alternativas das décadas de 1970 e 1980, no sentido da rotatividade de seus membros, como afirmou Nogueira (2001). Por outro lado, percebemos na Arca uma diferença crucial em relação ao movimento alternativo anterior: a complexificação e “profissionalização” das ecovilas, que atuam como centros de educação disponibilizando diversos cursos para o público em geral nas áreas que concernem às ecovilas. Segundo o site da comunidade, os “focos de atuação” da mesma são:

Cursos “Caminhos para Vida Sustentável”; Cursos / Vivências em Permacultura, BioConstrução, Agrofloresta, Ecologia Profunda, consumo consciente; Vivências do Feminino, Nascimento Humanizado; Vivências de Auto-conhecimento, Comunicação Não-Violenta, Danças, Arte e Cura; Programas de Voluntariado e Visitação.

Segundo Marcos, um dos entrevistados, os cursos e as vivências constituem, aliás, a principal fonte de renda da comunidade. Assim como em diversas outras ecovilas no Brasil, parece-nos que o foco dessas novas comunidades tem sido mais os cursos que a produção orgânica de alimentos e a

autossustentabilidade, embora a Arca Verde, neste caso, possua iniciativas concretas na produção de alimentos. Como salientamos no final do item anterior, outro dos focos da Arca parece ser a vivência em comunidade. Percebemos o foco nos cursos como estratégia para viabilizar financeiramente esse empreendimento de viver comunitariamente em uma propriedade rural. Quando indagado sobre a “cola” da comunidade, isto é, seu elemento agregador, Aldo até ensaia responder que era a permacultura¹⁵, porém a vivência comunitária surgiu com mais força: “acho que é a ecologia, a permacultura. [...] Mas na prática... na prática mesmo, eu acho que é a vida em comunidade. [...] O simples fato de viver em comunidade é a cola da comunidade”.

Angélica é mais sutil, afirma que a cola é a permacultura, porém, sendo esta muito abrangente, inclui a vivência em comunidade: “a cola da Arca Verde, eu sinto que é a permacultura. [...] A permacultura inclui muitas coisas, a convivência, a espiritualidade, o cuidado com as pessoas.” Já Marcos cita uma concepção comum de espiritualidade, de reconexão com a natureza, porém o papel da permacultura e da vivência em comunidade também aparecem:

[...] eu acho que é essa vontade de viver em comunidade, em harmonia com a natureza. O que tem muito a ver com a permacultura, com esses laços afetivos de comunidade. [...] Não tem uma cola espiritual, [...] cada um tem a sua espiritualidade. [...] talvez a gente tenha um pouco a ver com algo de reconexão com a natureza, com o universo, e estar conectado com a terra – Marcos.

Esse foco na comunidade afasta o grupo de uma outra concepção do termo ecovila, que tem ganhado espaço no Brasil: ecovila enquanto condomínio ecológico, que visa apenas a criação de espaços ecológicos, mas sem levar em conta os demais aspectos das ecovilas (Roysen, 2013; Santos Jr., 2006). Marcos também atesta essa realidade, de “loteamentos e condomínios com o nome de ecovila”, mas nesses condomínios supostamente ecológicos, para ele, “é aquele cada um por si também, só tem as composteiras e os tetos verdes, teto solar e acabou”, não tem “sentido de comunidade, de conexão com o outro, e viver realmente uma mudança cultural”. Percebemos, na fala do entrevistado, um esforço em distanciar a sua comunidade dessas experiências. Silva (2013) constata que essa diferenciação, entre ecovilas e condomínios ecológicos, nem sempre é tão clara, como no caso da “Ecovila” Santa Branca, localizada em Terezópolis – GO. Para o autor, tal comunidade se enquadra na categoria de

privatopia – um condomínio privado “que vende a ideia de sustentabilidade ecológica, mas mantém a lógica da propriedade privada, da mercantilização da terra e não está ligado a nenhum projeto mais amplo e radical de mudança societária” (Silva, 2013, p. 125). A contradição está no fato de que tal comunidade também é vinculada à GEN (*Global Ecovillage Network* - Rede Global de Ecovilas)¹⁶. Neste ponto, cremos ser importante explicitar brevemente a conceituação deste termo que temos utilizado: *ecovila*. Para Aldo, ecovila é, simplesmente, “um grupo de pessoas vivendo juntas, num ambiente rural [...] com essa preocupação ecológica, de viver uma vida sustentável”. Marcos já abre mais o termo, expondo suas crenças pessoais nesta conceituação:

Ecovila [...] é um movimento de retorno ao que é básico no ser humano, que é viver em comunidade, em harmonia entre as pessoas e o mundo natural. É a gente voltar a desenvolver nosso potencial humano, nossa missão pessoal no mundo. É um movimento de base, de pessoas bastante utópicas e bastante práticas ao mesmo tempo, que queiram fazer a mudança no mundo acontecer agora, não esperar pra fazer as coisas acontecerem, pondo soluções práticas e positivas no agora. Não focando no ruim do mundo, mas focando nas soluções alternativas, em termos de comunidade, de novos modos de vida, de consumo, de construção, de tudo. – Marcos

Já Angélica demonstra uma relação mais tensa com a própria conceituação:

Ecovila é... eu já não sei mais o que é ecovila. Sinceramente, eu ainda estou processando o que é ecovila. Às vezes eu falo assim “a Arca é um instituto de educação ambiental e ecovila”, mas eu falo ecovila e fico meio desconfiada dessa palavra, o que será que eu quero dizer com isso, o que a pessoa está entendendo com isso. Ecovila, pra mim, pode ser um lugar onde tu possa viver com a natureza como se ela fosse uma extensão do seu corpo. – Angélica

O conceito de ecovila, resgatado do termo *örkdorf* utilizado pelo movimento ativista alemão anti-nuclear na década de 1980, passou a ser difundido e utilizado a partir de um relatório intitulado *Ecovilas e Comunidades Sustentáveis*, feito por Robert e Diane Gilman sob encomenda da organização Gaia Trust, em 1991 (Silva, 2013; Roysen, 2013; Santos Jr., 2006). Neste relatório, foi realizado um “minucioso levantamento das principais comunidades intencionais de caráter ambientalista e ‘sustentável’ então em atividade” (Silva, 2013, p. 129). Quatro anos após a divulgação do relatório, o conceito seria melhor sistematizado e popularizado no Encontro Internacional *Ecovilas e Comunidades Sustentáveis*

para o século XXI, realizado na comunidade *Findhorn*, localizada na Escócia, do qual participaram cerca de 400 pessoas provenientes de 40 países distintos. Este encontro marcaria oficialmente a criação da Rede Global de Ecovilas – GEN (Santos Jr., 2006; Silva, 2013). Desde então, tem-se que a GEN e o movimento institucionalizado de ecovilas têm se expandido por todo o mundo¹⁷, sendo reconhecida inclusive pela ONU. Segundo Santos Jr., algumas ecovilas, como *Crystal Waters*, *Lebesgarten* e *Findhorn*, foram consideradas oficialmente pela ONU, em 1998, como “modelos de excelência de vida sustentável”, entrando na “Lista das 100 melhores práticas” do programa *Habitat* (Santos Jr., 2006, p. 9).

Uma das principais estratégias de divulgação e reprodução do movimento de ecovilas tem sido a educação. Em 2005, a mesma corporação Gaia, citada anteriormente, lançou oficialmente o programa *Gaia Education - Ecovillage Design Education*, o qual aborda quatro dimensões: social, ecológica, econômica e visão de mundo. Tais dimensões se relacionam com as dimensões trabalhadas no curso *Caminhos para Vida Sustentável*, da Arca Verde – dimensão social, econômica, ecológica e espiritual/cultural. Em apostila do curso, a Arca dispõe os 16 elementos da vida em ecovilas (ver Figura 1).

Percebemos, na fala dos entrevistados acima, e também na discussão acerca dos condomínios ecológicos, uma apropriação bastante própria do conceito de ecovila pela comunidade e por cada um dos moradores, apropriação esta que por vezes até entra em atrito com a conceituação proposta pela GEN. Quando perguntados sobre “o que é a Arca Verde” (a qual foi a primeira pergunta nas entrevistas), nenhum dos entrevistados utilizou o termo ecovila, atestando já esse distanciamento, talvez inconsciente, do termo constitucional.

Tendo esclarecido o conceito de ecovila, voltamos nossa atenção às visões de mundo e de alternativa a esse mundo por parte dos moradores da Ecovila Arca Verde. Tal qual a contracultura e o movimento alternativo antigos, os nossos entrevistados também constroem uma compreensão de um mundo dominado por uma cultura irresponsável em relação à natureza e repressora, pautada na competição e no consumismo. Todos alegam uma certa *falta de sentido* em relação à vida dentro dessa sociedade, sendo este um dos principais motivos para terem buscado uma vivência alternativa a ela. Quem mais falou sobre a falta de sentido foi Angélica, falando sobre sua vida anterior na cidade:

[...] a vida tinha adquirido uma complexidade muito grande, e eu sentia um desejo de que a vida se tornasse mais simplificada. [...] foi uma experiência muito frustrante viver e trabalhar na cidade, foi uma luta pela sobrevivência, com pouquíssima qualidade de vida. Eu não tenho aquele perfil competitivo, então eu não consegui “crescer”, ascender, e aquela situação estava me tomando existencialmente. [...] eu me sentia muito maquinizada, eu vivia muito maquinizada. [...] é tudo tão automático, uma exigência, uma cobrança tão grande, o mercado precisa tanto da tua energia, tu dá o teu sangue nesse processo e não consegue fazer nada mais por ti mesmo. *Tu não tem vida própria. [...] chegou num momento em que minha vida já não estava mais fazendo sentido, eu não estava conseguindo me construir como pessoa, no meio urbano.* – Angélica (grifo nosso).

Figura 1 – Os 16 elementos da Vida em Ecovilas

Fonte: Apostila Caminhos para Vida Sustentável 12ª Edição, do Instituto Arca Verde.

Marcos cita sua ligação com a natureza, mas a “falta de sentido” também aparece:

eu já tinha essa visão, acho que desde criança, de não querer fazer parte desse sistema, de simplesmente ter um emprego e passar a vida inteira se dedicando às outras pessoas, não aos meus propósitos pessoais, de viver mais harmonicamente com a

natureza. [...] Eu tinha esse contato muito forte com a natureza, então foi uma vontade forte também de agregar tudo isso, essa questão de uma nova cultura, novos valores, novas formas de pensar, de viver, novo modo de vida. *Um caminho que faz mais sentido que o modo de vida individualista, consumista, competitivo...* [...] *Eu já não via muito sentido, para mim, em criar uma família na cidade* – Marcos (grifo nosso)

Aldo, apesar de não falar diretamente na “falta de sentido”, deixa-a nas entrelinhas:

Eu decidi fazer parte do grupo basicamente por uma questão de fuga da minha vida anterior. Eu me defino antes como um desajustado deprimido (risos). Era meio patológico mesmo, eu tinha depressão profunda. Estava tentando achar uma solução, mudar de vida, achar alguma coisa satisfatória, e entrei em contato com a permacultura. [...]. Eu descobri isso e achei que era uma alternativa à minha vida horrorosa de ficar no apartamento isolado (risos). – Aldo.

Como vimos anteriormente, na contracultura e no movimento alternativo, essa falta de sentido também se fazia presente. Carvalho (2007), ao dividir a contracultura em três grandes fases, não chegou a incluir o movimento de ecovilas na terceira fase, mas defendeu que em todas as fases da contracultura, em todos os lugares em que ela surgiu, havia um elemento comum – “o vazio existencial” de seus atores. O qual, compreendemos, é análogo à falta de sentido expressa por nossos entrevistados. Esta falta de sentido/“vazio existencial” é sentida também como vazio espiritual, na sensação de falta de conexão com o sagrado e a natureza. Os movimentos ambientalistas, bem como a permacultura, contrapõem a este vazio o holismo: “a noção geral de entrelaçamento, não apenas do ser humano com a natureza, mas de toda a vida no planeta” (Campbell, 1997, p. 15).

Isabel Cristina de Moura Carvalho, reconhecida pensadora da Educação Ambiental no Brasil, e Carlos Alberto Steil veem neste contexto o surgimento de uma “asecese ecológica”, que conflui com práticas espirituais, “no sentido da internalização de sentimentos e procedimentos ecológicos que passam a ser vistos, nesse contexto, como mediação religiosa na busca do sagrado.” (Carvalho; Steil, 2008, p. 289). Os autores compreendem, nessa linha, as noções de “cultivo do ambiente”, que diz respeito aos cuidados ecológicos com o meio ambiente, e “cultivo de si”, o qual incorpora um “conjunto de práticas auto-educativas” identificadas “com uma forma de ascese no mundo, de aperfeiçoamento pessoal

por meio do cuidado do corpo e da alma” (Carvalho, 2008, p. 290). Na apostila do curso *Caminhos para a Vida Sustentável*, 12ª edição, encontramos no capítulo intitulado “Dimensão Cultural / Espiritual – Reconnectando-se com o Universo” a definição da Yoga como “ecologia interior”. Relaciona-se a preservação e o cuidado do planeta e da natureza com o cuidado do “ambiente interno”. Percebemos, assim, tanto uma aproximação com o orientalismo quanto a busca de reconexão com o sagrado e a natureza, presentes já na contracultura, no ideário hippie e no movimento alternativo.

Frente a esta semelhança, cabe-nos realçar mais algumas diferenças entre os moradores da Arca Verde entrevistados e os jovens alternativos das décadas de 1970 e 1980, como caracterizados no início deste trabalho. Aldo, Angélica e Marcos têm, todos, entre 30 e 40 anos. Dos três, apenas Marcos tem ensino superior completo. E Angélica, apesar de ter vivido tempo significativo na cidade, nasceu e viveu até a juventude em meio rural. Não temos capacidade neste artigo de fazer um panorama geral dos moradores das ecovilas do Brasil, nem mesmo de todos os moradores da Arca Verde, mas esse recorte humilde nos permite a especulação de que, talvez, o movimento atual de ecovilas não seja, como o antigo movimento alternativo, caracterizado por jovens universitários oriundos da classe média urbana. Por outro lado, tal qual os jovens alternativos de outrora, percebemos, nas falas dos entrevistados, um forte esforço em contrapor a vida na cidade (associada à cultura dominante, competitiva e consumista) à vida na ecovila Arca Verde (associada à busca de novos valores, como veremos na sequência). Isso é percebido principalmente nas respostas à questão “O que é a Arca Verde?”. Para Angélica, a Arca se constitui em uma verdadeira bolha dentro do sistema: “A Arca Verde, falando bem emocionalmente, pra mim é um refúgio. [...] é uma bolha, uma cédula onde os valores são um pouco diferentes”. Marcos ressalta a diferença entre a ecovila e a cidade:

[...] é um espaço fundamentalmente de vida, de moradia, de trabalho. Uma comunidade intencional, onde acredito que as pessoas venham aqui para sentir o que é viver em comunidade. *Para viver algo diferente, que não viveram na cidade.* [...] criar novos valores, outro tipo de cultura, que saia um pouco daqueles termos dominantes, aquela cultura dominante em que tu tem que competir, tem que ter um trabalho, ser alguém na vida, o que acaba criando um super individualismo. – Marcos (grifo nosso).

Já Aldo é mais sucinto em sua resposta a essa questão, apontando outra direção, para ele a Arca é “uma comunidade que tem uma vocação pedagógica de ensinar e de passar a mensagem da permacultura basicamente”. Porém, em outro momento, o mesmo não deixa de expor sua opinião semelhante em relação à cultura circundante, ao afirmar que “a cultura e o sistema econômico vigente são ruins. Tem muita violência, muita exploração...”. Ainda em outro momento, ele fala sobre como é “bom ter essa oportunidade de não estar no sistema, onde eu tenho que lutar por mim mesmo contra os outros”.

Esse esforço de contrapor os modos de vida na cidade e na ecovila também é percebido na fala de alguns entrevistados para um documentário realizado sobre a Arca, em 2009¹⁸: “Isso aqui é vida [...]. Eu vou voltar pra Porto Alegre, praquela vida urbana assim, e não vai fazer sentido nenhum. A vida faz muito mais sentido aqui.”; “Eu me sinto vivendo aqui. Na cidade eu vendo meu trabalho, vendo minha cabeça, minhas ideias pra outras pessoas pra ganhar um salário, e aqui não, aqui eu vivo.”; “Eu acho que vocês devem ser mais felizes do que nós¹⁹, [...] a vida que vocês levam para nós parece bastante desgastante [...] mas eu acho que vocês devem ser mais felizes, não devem ter o estresse que nós temos.” (grifo nosso).

Um dos principais motivos para essa forte diferenciação entre cidade e ecovila existir talvez seja a questão dos relacionamentos humanos, pois o grupo se coloca na busca por desenvolver uma nova forma de se relacionar. São pautadas as questões da governança circular, decisões por consenso, busca por uma comunicação menos violenta, mais compassiva e empática. O autoconhecimento também é citado como sendo parte essencial dessa busca. Porém, ao serem questionados sobre as maiores dificuldades no início de suas vivências na Arca, a resposta foi unânime e exatamente esta: a questão dos relacionamentos. O que não deslegitima, obviamente, seu esforço nesta busca, nem significa que resultados positivos não foram alcançados. Os entrevistados falam sobre a dificuldade principal em lidar com as diferenças, que se manifestam para os mesmos enquanto dificuldade, mas também enquanto desafio.

[...] é muito difícil homogeneizar um discurso, homogeneizar uma prática em um lugar onde as pessoas vêm de lugares muito diferentes e têm vivências e educação muito diferentes umas das outras. Isso é bastante desafiante e muito enriquecedor. E tu começa a perceber que existem muitos pontos de vista e muitas

formas diferentes de fazer a mesma coisa, e abrir mão de tentar convencer de que a tua forma é a mais certa. [...] Pra mim foi muito importante trabalhar essa questão, de comunicar minhas insatisfações, as necessidades que eu tinha, porque aqui a convivência é bastante, se trabalha muito junto, tem trabalho comunitário, e as refeições são feitas juntas, os cursos, tudo é feito e pensado junto. – Angélica.

[...] tu tem que abrir mão às vezes de algumas coisas pessoais, para o bem do coletivo, aceitando que há uma diversidade no grupo. Isso é bom, mas também não é uma concessão total do que eu acredito. É deixar de ter aquele valor hiper-individualista de que tudo que eu quero eu tenho que fazer, tem que ser tudo do meu jeito. [...] A gente aprende muito aqui como lidar com conflitos, como criar uma nova forma de comunicação, mais empática, ouvir mais o outro, baixar o ego, baixar a bola. E ao mesmo tempo também se conhecer mais, saber o que tu realmente quer, o que tu precisa na hora, e comunicar isso. – Marcos.

Quando eu fui lá em Ausentes, eu estava muito mal pra socializar. Tipo, todo mundo aqui se abraça e tal, quando eu cheguei lá eu não queria abraçar ninguém, coisa chata (risos). E eu era o único que não queria abraçar ninguém. Aí ficava aquela resistência assim, querendo estar naquele ambiente e tal, aquela vida natural, mas resistindo a muitas coisas... não estando tão aberto. – Aldo.

Por outro lado, a diversidade cultural e o convívio social também são citados como benefícios de se viver em comunidade, novamente indicando como os entrevistados lidam com estas questões que acabaram de ser apontadas como dificuldades.

Eu sinto que tem muita qualidade de vida, muita abundância, ar puro, água de boa qualidade, espaço para caminhar, se exercitar, fluxo de pessoas vindas de diversos lugares, de diversas culturas, possibilidades de se relacionar com diversas pessoas diferentes. É engraçado, porque aqui eu moro num lugar super retirado e quando eu vivia em Porto Alegre, na região metropolitana, eu não tinha essa riqueza de relações que eu tenho aqui. – Angélica.

Na Arca Verde, um dos maiores benefícios é o autoconhecimento, é ter realmente tempo para si, aqui eu realmente tenho tempo de pensar no que eu quero fazer na vida, como missão. Outro benefício é o contato com a natureza, e também o contato com pessoas muito interessantes que passam por aqui. E também poder contribuir, as pessoas às vezes vêm aqui para fazer cursos, e a gente acaba contribuindo pra passar adiante essas ideias novas. – Marcos.

O maior benefício de se viver aqui é a saúde. Tem a água daqui do riacho que não é tratada, tem a alimentação saudável... [...] é um ambiente muito saudável, onde as pessoas se cuidam. [...] A grande vantagem é poder trabalhar para os outros, porque trabalhar pra si mesmo é uma coisa que pra mim não traz motivação. Se eu trabalho pra uma coisa que não é só pra mim,

parece que há uma energia a mais, não querendo ser bobinho e espiritualista demais (risos). – Aldo.

Essa ênfase na qualidade de vida e na saúde poderia aproximar a comunidade da Arca Verde ao que Silva (2013) chama de “fetichização da natureza”. Para o autor, a destruição dos ambientes naturais e o atual modelo de urbanização, considerado o principal motivo da crise ecológica, produziu esse fenômeno, no qual “novas raridades”, como água pura, ar limpo e áreas verdes “são criadas para depois converterem-se em preciosas mercadorias” (Silva, 2013, p. 115). Não negamos, com a leitura de diversos trabalhos sobre ecovilas²⁰ e o conhecimento superficial da trajetória e origem social dos nossos entrevistados, que o movimento de ecovilas poderia ser caracterizado como oriundo de uma classe média urbana, carregada dos condicionantes sociais a que geralmente é atribuída. Porém, não cremos que isso nos ajude a compreender a Arca Verde em si, assumindo que se trata de uma realidade sempre mais complexa que nossa análise histórica ou sociológica possa captar. De qualquer forma, a ênfase dada pelo grupo à “riqueza de relações” e ao viver comunitário os afastam da crítica que Silva faz às privatopias: os condomínios ecológicos em que a saúde e a qualidade de vida são o foco, porém sem o desenvolvimento de comunidade como entendido pelos entrevistados.

Para contrapor a noção de “fetichismo da natureza”, propomos a noção de “sacralização da natureza”, como trabalhada por Carvalho e Steil (2008). Compreende-se, assim, a valorização da natureza enquanto sagrada, e não apenas enquanto bens de consumo. Resgatando a noção de “cultivo de si” e “ecologia interior”, trazidas anteriormente em nossa discussão, podemos compreender os integrantes do movimento de ecovilas como “sujeitos religiosos por natureza”, conforme definido por Soares, “que conectam de forma inovadora a preocupação com o planeta com a descoberta cada vez mais íntima de si” (Soares, 1994 *apud* Carvalho; Steil, 2008, p. 291).

Segundo Carvalho e Steil,

As práticas de grupos e indivíduos que se situam na fronteira porosa das vivências ecológicas que incorporam a dimensão religiosa, e vice-versa, poderiam ser vistos nesta perspectiva. Para aqueles que, quer ecológica, quer religiosamente orientados, fazem do ideal de uma relação imediata com a natureza o caminho para a integração pessoal (*religare*) com uma totalidade, essa experiência remete à realização de um bem estar físico, mental e espiritual que torna indissociável a saúde do planeta e do

indivíduo. Estes sujeitos podem ser identificados nos grupos religiosos movidos por um espírito da Nova Era que buscam o sagrado e a si mesmos em lugares, espaços rituais e peregrinações onde a natureza tem um papel protagonista, bem como em *grupos ecológicos voltados para práticas de convívio harmonioso com a natureza e de formação de sujeitos ecológicos pela educação ambiental que incorporam, em alguma medida, a ideia da natureza investida de forças e energias restauradoras do corpo, da alma e de virtudes éticas para a convivência social.* (Carvalho; Steil, 2008, p. 291, grifo nosso).

Compreendemos o coletivo da Arca Verde como um destes grupos ecológicos definidos por Carvalho e Steil, principalmente no que tange à relação com a natureza, como exemplificado nas seguintes falas dos entrevistados:

“[...] aqui na Arca Verde eu ressignifiquei a relação com a terra e a natureza.”; “[...] cada um vem de um lugar diferente, uma cultura diferente, e o que une as pessoas é muito essa coisa de estar em mais contato com a natureza.”; “Ecovila pra mim pode ser um lugar onde tu possa viver com a natureza como se ela fosse uma extensão do seu corpo”. – Angélica

“[...] eu já tinha essa visão, acho que desde criança, de não querer fazer parte desse sistema, de simplesmente ter um emprego e passar a vida inteira se dedicando às outras pessoas, não aos meus propósitos pessoais, de viver mais harmonicamente com a natureza.”; “Eu nunca parei para pensar sobre a cola da Arca Verde, mas eu acho que é essa vontade de viver em comunidade, em harmonia com a natureza.”; “Na parte espiritual, talvez a gente tenha um pouco a ver com algo de reconexão com a natureza, com o universo, e estar conectado com a terra mesmo, porque existem espiritualidades mais ligadas a uma transcendência, aqui não, aqui a gente está mais ligado com a terra mesmo.” – Marcos

Neste último ponto, citado por Marcos, percebemos novamente a relação com a tese de Campbell sobre a orientalização do Ocidente e o deslocamento da concepção transcendente do sagrado para a imanência do sagrado no cotidiano terreno. Além disso, é possível também alinhar o conceito de “mente ecológica”, proposto por Bateson, a qual “está dentro e fora do corpo individual” e “na qual os sujeitos vivem a experiência do sagrado e de bem estar em harmonia com a natureza” (Carvalho; Steil, 2008, p. 300).

Além dos benefícios pessoais compreendidos pelos entrevistados, citados anteriormente, os moradores da Arca falam também das contribuições que a Arca Verde teria a oferecer à sociedade, enfatizando o caráter pedagógico da mesma, que se reflete nas parcerias com escolas e instituições como UERGS²¹, EMATER²² e SEMA²³, e nos cursos e vivências ofertados pelo grupo à

comunidade em geral. Percebe-se, na comunidade, principalmente no curso *Caminhos para a Vida Sustentável*, do qual pudemos participar de sua 12ª edição, um esforço de se aproximar do que Carvalho e Steil chamam de “pedagogia da percepção”, que “que enfatiza o ver e o sentir o mundo como parte da formação de uma sensibilidade ecológica e espiritual, cujos contornos remetem a uma composição singular das relações entre ecologia, religião e saúde” (Carvalho; Steil, 2008, p. 302).

Paralelo ao empenho pedagógico, percebe-se o esforço em colocar a Arca Verde como alternativa à sociedade. Angélica crê que a Arca atua no sentido de empoderar as pessoas que “estão buscando formas alternativas de trabalhar de maneira mais autônoma, sem ser tão dependentes do que está colocado, e que buscam fazer pequenas coisas por conta própria”. Marcos e Aldo destacam a força do exemplo que a Arca Verde pode ser. Para Marcos, a Arca “contribui para a sociedade no sentido de que mostra que existem soluções, existem alternativas. E que essas alternativas funcionam, já foram testadas, que é possível”. Para Aldo, a ecovila é “um exemplo de cooperação, de pessoas vivendo juntas e cooperando. É um exemplo de organização, no sentido dos relacionamentos, de tentar ser um ambiente mais livre, onde a pessoa pode colocar o que está sentindo”. Angélica ressalta ainda a importância da iniciativa individual, salientando o papel da Arca de empoderar as pessoas nessas iniciativas.

Eu acredito que a iniciativa começa por cada um, nas suas pequenas escolhas, porque a gente se desmotiva de fazer diferente do que todo mundo está fazendo, porque acha que sozinho não vai fazer a diferença. Mas não importa se tu vai fazer diferença ou não no mundo ou na sociedade, o que importa é tu fazer diferente porque aquilo faz sentido para ti. – Angélica.

Percebe-se, portanto, uma afinidade com a crença dos antigos alternativos de que a Revolução Interna leva à transformação cultural da sociedade, embora aqui se perceba nuances mais pragmáticas que aquelas, mais voltadas à transcendência espiritual. Marcos é objetivo em sua opinião sobre o papel da Arca Verde na transformação da sociedade:

Tu não precisa acabar com o sistema, o sistema vai acabar por si só. E a gente só precisa criar um novo mundo, de baixo, antes que ele acabe. Porque o sistema econômico não vai durar para sempre, isso acho que a maioria das pessoas está sabendo, apesar de algumas pessoas dizerem que a tecnologia sempre vai dar um jeito, de impulsionar mais e mais, mas estamos falando de conceitos econômicos bem primitivos, de um mundo infinito em

recursos, uma lixeira infinita. Então, não dá, não tem tanto espaço. E aí que novas ideias podem surgir, mas nem precisam surgir, porque já tem tanta ideia ótima no mundo, soluções ótimas, só com o que temos hoje já seria possível construir um mundo bem melhor. – Marcos.

O papel da Arca seria, portanto, mostrar às pessoas que essas soluções já existem e funcionam. Aldo, como vimos anteriormente, também compreende a Arca como um exemplo para a sociedade. Já Angélica é menos otimista nessa relação Arca Verde – sociedade. Ela não acredita “em um retrocesso do sistema como ele está, e se não vamos ser extintos ou coisa assim, eu não acho que a nossa contribuição seja impedir ou atrasar que isso aconteça”. Para ela, o colapso de energia “já aconteceu, já está acontecendo. Mas o sistema está dando um jeito de tapar os furos; na medida [em] que dá, vai usando outras alternativas e tal”. Isso se daria pela capacidade de adaptabilidade do ser humano, que faria com que as pessoas fossem se adaptando ao colapso, mas salienta não saber “o quanto isso é bom para elas, o preço que tem essa adaptação”. Marcos, apesar de crer que o “sistema” acabará por si só, e acreditar no papel da Arca em mostrar as alternativas, se mostra um pouco mais pessimista em relação à transformação real da cultura:

Para mim, a cultura e o sistema econômico vigentes são uma coisa difícil de mudar, porque a cultura é uma coisa que por natureza é conservadora. [...], se a gente quer mudar nossa cultura, essa cultura patriarcal, moderna, individualista e dominadora, começa por nós mesmos, e é bem difícil, bem complicado. Mesmo com a intenção de mudar, tentando e fazendo milhões de práticas, praticando a Comunicação Não-Violenta, meditação, sei lá, novas formas de se relacionar, economicamente também, socialmente; é difícil e complicado mudar realmente algo de base assim, lá embaixo [...]. – Marcos.

Seu otimismo sobrevive nas gerações futuras, mas sua crença no fim autodeterminado do sistema vigente permanece:

A gente pode tentar, mas quem vai conseguir mesmo são as futuras gerações. Se a gente plantar as sementinhas agora, assim logo... Nós como adultos, não sei. A gente muda muita coisa, mas a base é difícil de mudar eu acho, é possível, mas é muito difícil. Na minha visão, eu acho que o sistema vigente não vai mudar, ele vai cair mesmo. Porque, por ser conservador, ele vai tentar sobreviver até o fim, né, até cair mesmo (risos). É uma coisa natural, qualquer sistema, qualquer cultura vai tentar fazer o mesmo, porque tem um sentido de conservação interno muito forte de que isso é o certo, essa é a única solução possível de se

viver, é o modo de vida que se vai conservando. E isso está dentro de cada um de nós. – Marcos.

Já Aldo, concordando que “a cultura e o sistema econômico vigente são ruins”, que “têm muita violência, muita exploração”, no entanto se mostra um tanto otimista em relação à cultura atual: “eu acho que está melhor, acho que antes estava pior. Acho que só o que tá pior hoje é a questão ecológica, mas na questão de relacionamento, de trabalho, de guerras até, acho que em geral tá melhor que antes”.

Na fala dos entrevistados e em suas percepções da sociedade circundante, como indicado nos parágrafos anteriores e em outros pontos deste artigo, percebemos uma visão negativa da sociedade maior, na qual subentende-se uma crítica a aspectos mais profundos desta sociedade e cultura. A crítica que se faz não é apenas a aspectos industriais e econômicos, mas a aspectos mais subjetivos, como o individualismo, a competitividade e a falta de conexão com a natureza e o sagrado. Compreende-se assim uma crítica também de viés espiritual, que novamente se relaciona com a discussão de Bateson sobre o conceito de “mente ecológica”, na qual ele contrapõe o caráter transcendental do Deus cristão da concepção imanente do sagrado, relacionando-se assim também com a discussão proposta por Campbell (1997):

Se você coloca Deus do lado de fora de si e o estabelece vis-à-vis com a criação e se você tem a ideia que você foi criado à sua imagem, você lógica e naturalmente vai se ver como fora e contra as coisas que o rodeiam. E como você reivindica toda a mente para si você vai ver o mundo ao seu redor como algo sem mente e, deste modo, não digno de consideração moral ou ética. O meio ambiente parecerá ser seu para explorar. Sua unidade sobrevivente será você e seu grupo contra o meio ambiente de outras unidades sociais, outras raças e os brutos e os vegetais. (Bateson, 1972, p. 468 *apud* Carvalho; Steil, 2008, p. 300)

Compreendemos, por fim, através das falas dos entrevistados, que, embora se tratem de seres humanos complexos e bastante diversos entre si, há um discurso comum no grupo. Percebemos uma visão otimista em relação às suas práticas e aos benefícios que a Arca traz tanto a eles próprios quanto à sociedade. Compreendemos isso como inerente a um esforço de legitimar suas práticas de vida e sua comunidade, buscando defendê-la como alternativa eficaz a um modo de vida que eles compreendem como nocivo às pessoas e à natureza.

Conclusão

Neste artigo procuramos refletir sobre as estratégias de um grupo em resposta a sua percepção de um mundo dominado por uma cultura capitalista, consumista e irresponsável com a natureza e a humanidade. Para isso, partimos do fenômeno de construção das comunidades alternativas e ecovilas no Brasil, através do olhar de três moradores da Ecovila Arca Verde. Fazendo parte de uma pesquisa maior – na qual buscamos construir uma proposta de história oral da comunidade e averiguar quais as relações do movimento de ecovilas com o movimento alternativo e a contracultura –, este artigo aproxima nossa atenção às concepções de espiritualidade e visões de mundo construídas pelos autores destes movimentos e às propostas de alternativas ao mundo percebido pelos mesmos. Procuramos conceituar os temas interligados de contracultura, movimento alternativo e ecovilas na perspectiva que foi apropriada pelos membros do grupo em questão.

Percebemos que a ideia de construção de uma alternativa válida para a sociedade apareceu com mais força apenas no fim da contracultura, sendo a máxima de John Lennon, “o sonho acabou”, e a “declaração de princípios” do congresso realizado em 1971, os acontecimentos-símbolo que marcam a transição para uma nova forma alternativa de atuar no mundo. Devido às limitações do trabalho, não pudemos averiguar como essa corrente se desenvolveu nos Estados Unidos, mas pudemos compreender como se formou, na década de 1970, o movimento alternativo no Brasil. Sobre a transição do movimento alternativo ao movimento atual de ecovilas, pouco se tem estudado. Compreendemos que as diferenças encontradas entre as ecovilas e as comunidades alternativas não são tão cruciais a ponto de os percebermos como movimentos diversos, diferentemente das diferenças encontradas em relação à contracultura, compreendida esta sim como um outro movimento. As principais diferenças encontradas entre o movimento de ecovilas e o alternativo acreditamos dizer respeito à complexificação e amadurecimento das ecovilas em relação às antigas comunidades alternativas, com o desenvolvimento de uma gama de áreas de conhecimento que viabilizam e potencializam as práticas alternativas hoje, como, por exemplo, a Permacultura, a Bioconstrução, a Comunicação Não-Violenta etc.

Por outro lado, temos a impressão de que há um lapso, de meados da década de 1980, quando foi publicada a obra de Tavares (1985) e Carvalho partia para sua viagem de pesquisa pelas comunidades alternativas supostamente existentes, até início dos anos 2000, quando começam a surgir diversas ecovilas pelo país. Permitindo-nos a especulação, talvez a remanescente corrente alternativa no Brasil tenha ganho um novo impulso com a apropriação da permacultura. Segundo Silva (2013), a permacultura chegou ao Brasil em 1992, quando Bill Mollison e Scott Pittman realizaram um curso de formação a convite da prefeitura de Porto Alegre – RS, a partir do qual surgiram diversos institutos dedicados à formação, capacitação e divulgação da permacultura. Vislumbramos a ligação íntima da permacultura com as ecovilas, em especial com a Arca Verde, em diversos pontos deste artigo. Compreendemos que a apropriação da permacultura possa ter contribuído para empoderar e capacitar os grupos alternativos em sua busca por uma alternativa à sociedade.²⁴

Na bibliografia consultada para esta pesquisa, um vasto debate é travado em torno da eficácia ou não das ecovilas enquanto alternativa à sociedade. Verificamos nas obras estudadas a presença de discussões sobre uma série de críticas apontadas às ecovilas²⁵, as quais poderiam também ser direcionadas à Arca Verde, por estar inserida neste movimento. Algumas poucas questões relativas a estas críticas foram tratadas brevemente ao longo do presente trabalho, porém compreendemos que tal discussão foge ao escopo desta pesquisa. Nosso objetivo não foi julgar as ecovilas, e a Arca Verde, enquanto alternativa eficaz ou não eficaz, viável ou inviável, à sociedade. Neste trabalho, procuramos compreender como o movimento alternativo e de ecovilas se posicionam e se compreendem enquanto alternativa a uma ideia de um mundo dominado por uma cultura industrial, repressora, consumista e irresponsável para com a natureza e a sociedade, segundo esses grupos. Verificamos tal visão de mundo na fala de nossos entrevistados e percebemos neles um esforço de se posicionar contra essa cultura, defendendo a diferenciação entre a vida urbana e a vida na ecovila, na qual acreditam estar contribuindo para a criação de novos valores, de uma nova espiritualidade e uma nova cultura.

Referências bibliográficas

BONZATTO, Eduardo. *Permacultura e as tecnologias de convivência*. São Paulo: Ícone, 2010.

BOSCATO, Luiz A. L. *Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem*. Tese (Doutorado em História Social), FFLCH/USP, São Paulo, 2006.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

CAPELLARI, Marcos A. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)*. Tese (Doutorado em História), FFLCH/USP, São Paulo, 2007.

CARAVITA, Rodrigo I. “Somos todos um”: vida e imanência no movimento comunitário alternativo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), IFCH/UEC, Campinas, 2012.

CARVALHO, Cesar A. Mito e contracultura. *Mediações* (UEL), v. 12, p. 55-77, 2007.

_____. *Viagem ao mundo alternativo: A contracultura nos anos 80*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CARVALHO, Isabel C. M; STEIL, Carlos A. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. XI, n. 2, p. 289-305, jul.-dez. 2008.

FERRAZ, Giovan S. *Contracultura, comunidades e ecovilas: a Arca Verde na história do movimento alternativo no Brasil*. Monografia (Graduação em História), UFSM, Santa Maria, 2015.

FERREIRA, Neliane M. Paz e Amor na Era de Aquário: a Contracultura nos Estados Unidos. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 33, número especial de 2005

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLMGREN, David. Fundamentos da permacultura. Tradução de Alexander Van Parys Piergilli e Amantino Ramos de Freitas. Disponível em: <http://holmgren.com.au/downloads/Essence_of_Pc_PT.pdf>. Acesso em: 14/11/2015.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

JACINTHO, Cláudio R. S. *A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural: uma experiência no assentamento Colônia I – Padre Bernardo – Goiás*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), CDS/UnB, Brasília, 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2013.

LOZANO, Mirian C. *Assentamentos e Ecovila: no caminho da agroecologia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Sociologia), PUC-SP, São Paulo, 2009.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. *Permacultura Um: uma agricultura permanente nas comunidades em geral*. São Paulo: Editora Ground, 1983.

_____; SLAY, Reny M. *Introdução à permacultura*. Trad. André Luis Jaeger Soares. Brasília: MA/SDR/PNF, 1998.

NOGUEIRA, Aico S. Comunidades da nova era no Planalto Central: utopia, ideologia e reafirmação da ordem. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 13(1): p. 159-184, maio de 2001.

OLIVEIRA, João H. Anarquismo, contracultura e imprensa alternativa: a história que brota das margens. In: *Quartas no Arquivo*, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4205238/4101466/palestra_joao_henrique.pdf>. Acesso em: 19/05/2015.

PEREIRA, Carlos A. M. *O que é contracultura*. São Paulo: Nova Cultural / Brasiliense, 1986.

ROYSEN, Rebeca. *Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2013.

SANTOS JR., S. J. *Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver cotidiano*. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://permacoletivo.wordpress.com/materiais-para-downloads>>. Acesso em: 11/11/2015.

SILVA, Luis F. M. *Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)*. Tese (Doutorado em Geografia Humana), FFLCH/USP, São Paulo, 2013.

SOARES, G. M. *Permacultura social no sítio Nós na Teia*. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia), Instituto de Ciências Sociais, UnB, Brasília, 2013.

TAVARES, Carlos A. P. *O que são comunidades alternativas*. São Paulo: Nova Cultural / Brasiliense, 1985. Coleção primeiros passos; 58.

TAVARES, Fátima R. G.; DUARTE, Joelma P.; COGNALATO, Rosana P. Movimento Nova Era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica). *Antropolítica*, Niterói, n. 28, p. 177-196, 1. sem. 2010.

Outras referências

ARCA VERDE – documentário. Direção de Bruno Carvalho Pereira. Passo Fundo, 2009. Disponível em: <http://www.arcaverde.org/new/?page_id=2>. Acesso em novembro de 2015.

Site da Arca Verde: <<http://www.arcaverde.org/new/>>. Acesso em novembro de 2015.

¹ Além disso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi confeccionado e assinado pelos entrevistados, concedendo assim o uso das entrevistas para esta pesquisa.

² O movimento *hippie*, surgido nos EUA na década de 60, notabilizou-se pelo “pacifismo (na época, pelo repúdio à Guerra do Vietnã), pela negação do nacionalismo e pela recusa aos valores tradicionais da classe média norte-americana, adotando aspectos de religiões como o budismo, o hinduísmo, o taoísmo e religiões das culturas nativas, o uso de drogas, como a maconha, o haxixe, o LSD, bem como o ‘amor livre’. Costumavam se apresentar vestidos com roupas coloridas e brilhantes, com calças boca-de-sino e camisas tingidas, as mais das vezes sob inspiração de motivos indianos, tendo como predileção musical o rock psicodélico” (Capellari, 2007, p. 27-28).

³ Luiz Carlos Maciel foi um importante ícone da contracultura brasileira, escreveu vários livros sobre o tema e mantinha uma coluna, chamada *Underground*, no jornal alternativo *O Pasquim*. A obra de Maciel foi objeto de pesquisa da tese de doutorado de Marcos Alexandre Capellari (2007).

⁴ Fazendo referência ao termo *underground* (subterrâneo em inglês), título da coluna de Luiz Carlos Maciel no jornal *O Pasquim*. O subterrâneo seria marcado, principalmente, pela “rejeição à concepção do universo como um grande mecanismo frio e sem vida, cuja contrapartida na esfera social é a burocracia estatal e a racionalização de todas as formas de relação, da familiar à econômica e da religiosa à afetiva, transformando a própria sociedade em um imenso relógio cujo funcionamento, impessoal, é completamente independente do sujeito, do indivíduo, alienando-o e modelando-o, por conseguinte, como peça de sua engrenagem e passível, enquanto tal, de ser analisado matematicamente, como o próprio universo material e sem vida o é” (Capellari, 2007, p. 202). Em suma, poderíamos dizer que se trata de uma negação da modernidade, conforme definida por Latour (2013). Dessa forma, compreende-se que o subterrâneo e o espírito contracultural permanecem como categorias diferentes, sendo o segundo subordinado ao primeiro.

⁵ Capellari (2007, p. 203-204) cita uma extensa lista de autores que teriam se manifestado a partir do subterrâneo. Dela, destacamos, apenas para fins demonstrativos, os nomes de: Michel Foucault, George Orwell, Aldous Huxley, Franz Kafka, William Blake, Arthur Conan Doyle, Fernando Pessoa, Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Helene P. Blavatsky, G. I. Gurdjieff, J. Krishnamurti, C. G. Jung, Mircea Eliade, Joseph Campbell, Alan Watts, Timothy Leary, Fritjof Capra e Carlos Castaneda.

⁶ Ainda seguindo esta corrente conceitual da contracultura como um “certo espírito” que “reaparece de tempos em tempos”, temos a tese de Silva (2013) e o conceito de *contraculturas espaciais*.

⁷ “A Geração Beat, movimento cultural ligado à literatura, surgido durante os anos 1950, era composto por jovens de classe média que viam as cidades crescerem inadvertidamente, e a natureza ficar cada vez menos presente no cotidiano das pessoas. Como forma de reação a isso, propunham a opção por uma vida periférica, marginal, longe dos arranha-céus, do mercado de trabalho, da sociedade de consumo e de toda a esfera que o capitalismo e o progresso tecnológico instaurava. Eram vistos pela sociedade tradicional como ‘rebeldes sem causa’. O termo beat podia assumir várias conotações, mas sugeria a busca de uma purificação do espírito (beatitude), sob a influência de religiões orientais, como o budismo. Os beats se expressavam através de poemas e viviam cada dia como se fosse o último, utilizando drogas como LSD para ‘elevarem’ a mente. [...] Seus principais porta-vozes foram Jack Kerouac, autor de *On the Road*, e Allen Ginsberg”, autor de *O Uivo* (Ferreira, 2005, p. 70). A Geração Beat também é chamada de *beatnik*.

⁸ De *desbundados* eram chamados os jovens brasileiros que aderiam ao movimento alternativo ou contracultural. “Desbundar, naquela época [décadas de 60 a 80], significava, no jargão da esquerda, abandonar a militância. Fulano? Fulano dê-s-bun-dou, dizíamos, com desprezo” (Syrkis, 1980 apud Capellari, 2007, p. 39).

⁹ O autor não deixa clara a existência desta terceira fase nos Estados Unidos.

¹⁰ Este trecho também é citado nas obras de Tavares (1985, p. 27) e Boscato (2006, p. 151).

¹¹ Para uma análise mais detalhada sobre a história do encontro, ver Caravita (2012), capítulo 1: O Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA) e sua história.

¹² Ao que tudo indica, a FraterUnidade continua existindo ainda hoje, perfazendo assim 30 anos de existência. Vide <<http://projetostrateunidade.blogspot.com.br/?view=classic>>. Acesso em: 10/11/2015.

¹³ Dois exemplos pontuais que são referência no movimento de ecovilas são as comunidades *Findhorn* – comunidade espiritual, ecovila e centro educacional, fundada em 1962 na Escócia – e *Tamera*, fundada em 1978 na Alemanha. Ver: <<http://www.findhorn.org/portugues/#.VWHlu9JViko>> e <<http://www.tamera.org/pt/o-que-e-tamera/>>. Acesso em: 24/11/2015.

¹⁴ Segundo site da comunidade: <http://www.arcaverde.org/new/?page_id=2>. Acesso em: 14/11/2015.

¹⁵ Devido às proporções limitadas deste trabalho, escolhemos por deixar de fora as discussões concernentes ao fenômeno da permacultura. Para fins elucidativos, apenas acrescentamos que a permacultura foi criada por Bill Mollison e Davida Holmgren, na década de 1970 na Austrália, culminando no livro pioneiro *Permaculture One*, de 1978. De lá para cá, a própria concepção dos autores sobre o que é permacultura mudou, significando hoje “um sistema de *design* para a criação de ambientes humanos sustentáveis” (Mollison; Holmgren, 1983, p. 13). Salientamos ainda que a permacultura abrange diversos aspectos, abarcando, resumidamente, tecnologias ecológicas de agricultura, construção de moradia, geração de energia e tecnologias sociais de convivência, governança e economia, deixando espaço ainda para saúde, espiritualidade e educação (ver Flor da Permacultura: <<https://permaser.files.wordpress.com/2011/04/16-e-17-10-2010-permacultura-para-crianc3a7as-sesc.jpg>>. Acesso em: 13/11/2015). Para uma discussão maior acerca da permacultura, ver Bonzatto (2010), Jacintho (2007), Lozano (2009), Silva (2013), Soares (2013), e as obras seminais, Holmgren (s/d), Mollison e Holmgren (1983), Mollison e Slay (1998).

¹⁶ Percebe-se também, no site da “ecovila”, a presença de discurso com teor mercadológico voltado ao propósito de propaganda e venda: “Ligada à rede mundial de Ecovilas que conta com 15.000 comunidades, a Ecovila Santa Branca foi planejada totalmente dentro dos conceitos da permacultura. Neste local com 335 lotes e 72.000 árvores plantadas neste primeiro estágio, foi planejada a criação de um condomínio com impacto ambiental positivo. É o comprometimento do discurso com a ação. *A Ecovila Santa Branca conta com florestas temáticas, sistema natural de abastecimento do lençol freático, trilhas e ciclovias, ruas em nível, jardins produtivos, praças, centro de convivência, quadras de esporte e mais toda estrutura e filosofia, regidas em estatuto para o bem estar da comunidade e engrandecimento da vida.*” (grifo nosso). Fonte: <<http://ecovilasantabranca.ning.com/>>. Acesso em: 20/07/2015.

¹⁷ Em 2002, a GEN contava com cerca de 15 mil associados (Cunha, 2012 apud Silva, 2013, p. 130).

¹⁸ Direção de Bruno Carvalho Pereira (2009). Disponível em: <http://www.arcaverde.org/new/?page_id=2>. Acesso em: 14/11/2015.

¹⁹ Tudo indica que a entrevistada reside em ambiente urbano e refere-se aos moradores da Arca.

²⁰ Ver: Caravita (2012), Lozano (2009), Silva (2013), Nogueira (2001), Roysen (2013), Santos Jr. (2006) e Soares (2013).

²¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

²² Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

²³ Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

²⁴ As relações entre a permacultura e as ecovilas são melhor exploradas no terceiro capítulo da monografia *Contracultura, comunidades e ecovilas: A Arca Verde na história do movimento alternativo no Brasil* (Ferraz, 2015).

²⁵ Dentre essas críticas encontradas na bibliografia consultada, destacamos: a incapacidade do movimento de ecovilas em criar uma “nova ordem mundial”, a ineficácia da “força do exemplo”, uma maior preocupação em adequar-se ao sistema que combatê-lo, um fenômeno de classe média apartada de uma base social mais ampla, retórica que nega a luta de classes, desvio da atenção do capitalismo enquanto fonte dos problemas ambientais para a “sociedade industrial”, falta de diálogo com movimentos sociais, distanciamento e relação de superioridade em relação às classes populares, reprodução da desigualdade social na contratação de funcionários, elitismo dos cursos ofertados por muitas ecovilas devido aos seus valores elevados, dependência econômica do sistema, discurso neomalthusiano que coloca o crescimento populacional como causa principal da crise ambiental, a crença na transformação espiritual da humanidade como motor da transformação socioeconômica, a crença de que a transformação individual leva à transformação cultural, a crença de que a transformação cultural levará à transformação político-sócio-econômica, a crença no colapso de energia oriundo da crise do petróleo e a consequente transformação inevitável da sociedade a partir disso, entre outras.

Recebido em 10/04/2016, revisado em 03/06/2016, aceito para publicação em 18/07/2016.